



Convergências sobre a eucaristia no diálogo reformado-católico

Convergences on eucharist in the reformed-catholic dialogue

Maria Teresa de Freitas Cardoso

Doutora em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), professora da PUC-Rio, do Instituto Superior de Teologia da Arquidiocese do Rio de Janeiro e do Instituto Superior de Ciências Religiosas da Arquidiocese do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ - Brasil, e-mail: mtfcardoso@puc-rio.br

Resumo

Considera-se um documento do diálogo católico-reformado internacional na sua busca de convergências sobre a Eucaristia, já na primeira fase desse diálogo. Estuda-se o primeiro relatório conclusivo, no qual se verifica: que se procurou fazer uma fundamentação bíblica e que nela o conceito de memória significaria mais que uma evocação mental; que a Eucaristia foi vista com o mistério pascal de Cristo; e em relação com o Pai, com Cristo, com o Espírito Santo; que mencionou-se o caráter sacrificial da Eucaristia e afirmou-se a presença de Cristo na Ceia; que acentuou-se a ação do Espírito Santo; que considerou-se a Igreja tornada pela Eucaristia uma comunidade de amor, renovada e missionária, cuja fé se expressa na liturgia. Conclui-se que houve convergências

significativas e sugestivas, embora limitadas, e que o diálogo teológico deveria ainda hoje prosseguir e poderia aproveitar os dados anteriores.

Palavras-chave: Ecumenismo. Diálogo. Diálogo ecumênico. Diálogo reformado-católico. Eucaristia.

Abstract

It studies a document of the catholic-reformed international dialogue in its search for convergences on the Eucharist, already in the dialogue's first phase. The first conclusive report is studied, in which it is verified: that there was an intention to establish a biblical basis; that the biblical concept of memory signifies more than mental evocation; that Eucharist was viewed in the paschal mystery of Christ; it was related to the Father, to Christ, and to the Holy Spirit; the sacrificial character of the Eucharist was mentioned; a presence of Christ in the Supper was emphasized and the action of the Holy Spirit was highlighted; it was considered that the church becomes, through the Eucharist, a community of love, renewed and sent on mission, whose Faith is expressed in liturgy. It concludes that there were significant and thought-provoking convergences, although limited, and that the theological dialogue still needs to continue today and could make use of the previous data.

Keywords: *Ecumenism. Dialogue. Ecumenical dialogue. Reformed-catholic dialogue. Eucharist.*

Introdução

O diálogo ecumênico teológico é importante no ecumenismo. Contempla a fé. Verifica laços entre os cristãos. Valoriza o respeito. Favorece entendimentos para o convívio e a colaboração. As convergências teológicas encontradas fazem ver o quanto temos em comum para compartilhar e para nos animar como cristãos no mundo.

Em níveis diversos, por meio de conversações bilaterais ou multilaterais, houve esforços para encontrar convergências, procurando-se

levar em conta diversas acentuações teológicas e respeitar os limites das diferenças entre as confissões cristãs. Esses diálogos, porém, nem sempre foram suficientemente considerados naquilo que manifestam e propõem. Um exemplo ainda por melhor aproveitar é o dos diálogos da Eucaristia. A Eucaristia é um tema fundamental da fé cristã. Tornou-se, porém, um dos tópicos controversos entre as tradições cristãs. Vários diálogos ecumênicos procuraram aprofundamentos comuns da reflexão teológica com identificação de convergências interessantes até então insuspeitadas.

A Igreja Católica dialogou sobre a Eucaristia em vários forums de diálogo ecumênico: junto com ortodoxos, anglicanos, luteranos, reformados, metodistas. Este artigo vem considerar e valorizar uma contribuição do diálogo católico-reformado internacional, em sua primeira fase, na busca de convergências sobre a Eucaristia. Católicos e reformados, no Brasil, estão ainda muito afastados, embora já em alguns lugares com certa aproximação e diálogo. Este artigo visa a: contemplar algumas convergências sobre a Eucaristia no âmbito do diálogo referido; considerar alguns temas caros às tradições cristãs envolvidas nesse diálogo; lançar luz sobre o interesse de se prosseguir o diálogo ecumênico teológico.

Para tanto, abordaremos as convergências sobre a Eucaristia registradas no relatório final da primeira fase do diálogo reformado-católico internacional, que utilizamos a partir de uma versão em espanhol, que teria em português o título *A presença de Cristo na Igreja e no mundo* (de 1977)¹. Tal relatório não pretendeu ser sistemático nem retilíneo e as seções que o compõem são de certo modo unidades próprias, que podem ser estudadas separadamente. Focalizaremos tão somente a seção que trata da Eucaristia. Porque nosso comentário é sintético, não sobressairá um dado importante, que, por ser importante, fazemos então questão de explicitar: o diálogo estudado muitas vezes recorreu às Escrituras e no seu relatório elas são frequentemente referidas, com citações diretas ou com alusões diversas.

¹ As nossas citações desse documento reformado-católico serão feitas em português, com nossa livre tradução, a partir da versão espanhola do *Enchiridion Oecumenicum* (de Salamanca), organizado por Gonzalez Montes, indicado nas referências.

Indicaremos o quadro inicial do diálogo internacional reformado-católico. Procederemos a uma visão abreviada do texto sobre a Eucaristia, dentro de subtítulos que cunhamos no intuito de focalizar o âmbito e o alcance das maiores convergências. Faremos algumas considerações finais sobre o conjunto, sublinhando que alguns temas caros às tradições, já presentes no documento, podem ainda ser retomados.

A primeira fase do diálogo reformado-católico incluiu o tema da Eucaristia

Nas décadas de 1970 e 1980, aconteceram várias conversações ecumênicas sobre a Eucaristia, o que também ocorreu no diálogo reformado-católico. Este diálogo dedicou-se a vários temas já presentes em outros diálogos internacionais: sacramentos, autoridade, estrutura eclesial. O ponto de partida foram conversações oficiosas entre os membros de ambas as partes, católica e reformada, que haviam concluído, por ocasião da IV Assembleia do Conselho Mundial de Igrejas (em 1968), que seria “desejável e realizável” estabelecer o diálogo reformado-católico de âmbito internacional.

Depois de uma série de encontros de uma comissão mista internacional, de delegados da Aliança Reformada Mundial e da Igreja Católica (por meio do Secretariado para a Unidade dos Cristãos), foi publicado um relatório final da primeira fase de diálogo, que foi o documento que mencionamos: *A presença de Cristo na Igreja e no mundo* (1977). O diálogo reformado-católico não tinha produzido um documento específico sobre a Eucaristia mas o tema da Eucaristia cobriu importante seção do referido documento (n. 67-92). Como o relatório avisa que “renuncia deliberadamente a todo ensaio de síntese” (n. 11)² e as seções podem ser vistas em separado, estudaremos tão somente a seção sobre a Eucaristia.

O tema dos sacramentos e particularmente o da Eucaristia apareceram em vários blocos de diálogo bilateral e no diálogo multilateral.

² Para as referências do documento reformado-católico que é objeto central de nosso estudo, indicaremos entre parênteses apenas os correspondentess números de parágrafos conforme sua numeração original.

Dentro do último, viria a destacar-se o documento de Lima (1982): *Batismo, Eucaristia, Ministério* (BEM), feito pela Comissão Fé e Constituição, do Conselho Mundial de Igrejas, tendo trabalhado em grande parte sobre o processo e os resultados dos diálogos anteriores. Esse documento de Lima, além de dar uma introdução sobre a instituição da Eucaristia, como dom, que se transmite, que comunica o amor de Deus, viria a relacionar a Eucaristia trinitariamente: em relação com o Pai, ao falar da Eucaristia “como ação de graças ao Pai”; com Cristo, ao falar da Eucaristia “como ‘anamnese’ ou memorial de Cristo”; e com o Espírito, ao falar da Eucaristia “como invocação do Espírito”. O mesmo documento considera outros dois aspectos da Eucaristia: eclesiológicamente, “como comunhão dos fiéis”; e escatologicamente, “como refeição do Reino”. Uma outra seção apresenta elementos que podem ser levados em conta para uma celebração da Eucaristia (FÉ E CONSTITUIÇÃO/CONSELHO MUNDIAL DE IGREJAS, 1983, p. 25-34). Esse diálogo tão representativo aproveitou de vários elementos de diálogos precedentes, como o que estudaremos.

A elaboração do documento *A presença de Cristo na Igreja e no mundo* foi trabalhosa, mas cheia de boa vontade e esperança. Encontraram-se dificuldades pelo distanciamento dogmático desenvolvido desde o século XVI. As diversas igrejas da tradição calvinista representadas não apresentavam a mesma corrente teológica. Além disso, a comissão comenta que no relatório “não se pode expressar toda a diversidade de estilo, a pluralidade de métodos teológicos, o calor da convicção e a novidade de percepção contidas nas exposições das posições respectivas em sua discussão” (n. 11).

Terminado o documento, sucederia algo que muitas vezes se desejou fazer em diálogos ecumênicos teológicos: passaria um intervalo proposital, para a entrega dos textos às autoridades e às igrejas e a teólogos ou centros de estudo, para sua leitura e seus comentários. Esses foram acolhidos por uma equipe especial. Fizeram-se sugestões sobre o método e o conteúdo do diálogo. Desejou-se ainda acompanhar o diálogo internacional de outros blocos bilaterais, alguns com participação de católicos ou de reformados. Seguindo-se a tendência geral do diálogo bilateral, escolheu-se prolongar o tema da *Igreja* na segunda etapa de diálogo reformado-católico. O tema *Igreja* também se escolheria no diálogo multilateral

subsequente ao BEM. Desde então, entre as dificuldades e os projetos, o diálogo tem passado por novas fases.

Fundamentação bíblica e consideração do caráter memorial da Eucaristia

O primeiro tópico da seção sobre a Eucaristia é o de sua “*fundamentação bíblica*”, que ali se desdobra em três passos: “a celebração da Ceia do Senhor na comunidade primitiva”; a “última Ceia” realizada por Jesus; “os antecedentes vétero-testamentários e, especialmente, da ceia pascal judaica” (cf. n. 67).

A respeito da celebração da Ceia do Senhor na comunidade primitiva, aponta-se um versículo célebre, At 2, 46 (dentro da descrição da comunidade primitiva em 2, 42-44.46). Acentua-se que a comunidade se reunia para orar “com alegria e simplicidade de coração” e que fazia a celebração memorial da morte e ressurreição de Jesus, com experiência da “presença do Senhor glorificado no Espírito”. Abre-se uma perspectiva escatológica, falando-se do desejo seu retorno. Enquanto isso, “a Igreja se sentia o povo peregrino de Deus” (n. 68).

A respeito da Última Ceia realizada por Jesus, nota-se que as palavras dele “recordam que sua morte por muitos e inaugura a Nova Aliança”. Isso “não significa que Israel tenha sido rejeitado”, mas as promessas de Deus “continuam operativas” no dom da salvação, com frutos da reconciliação da morte de Jesus (n. 69).

A comissão julga que este seria o “pano de fundo” para superar algumas “clássicas oposições confessionais” que se colocam “opostas entre si”. Em relação com as palavras da instituição, a ênfase recairia mais sobre o fato da presença do Senhor “no acontecimento comemorativo e comunitário da Ceia” do que sobre o modo dela. O documento sublinha o caráter memorial da Ceia e o dom da Nova Aliança (n. 70).

O documento usa alguns termos, cujo alcance procura aprofundar. Desse modo, a Eucaristia é memória, mas “memória significa mais do que uma simples evocação mental”. Ao falar também em *corpo* de Cristo, o termo *corpo* designaria toda a pessoa de Jesus. Sua presença salvífica se experimentaria na Ceia. (n. 70). Tais considerações

pretenderiam a ultrapassar concepções antropológicas dualistas, que tendessem a se enrigecer. Também procurariam facilitar uma compreensão da Eucaristia como um acontecimento (n. 71). A comunidade neotestamentária estava em comunhão com o Corpo glorificado do Senhor ressuscitado, segundo Adão. A comissão fala da vida originada do Espírito (n. 72).

A comissão mista apresenta a noção de *koinonia*, na qual se acentua a dupla face: a comunhão com o Senhor glorificado e também uma comunhão entre os que participam da Ceia e da comunidade do Senhor (n. 73).

Como em outros diálogos internacionais sobre a Eucaristia, com participação católica, procura-se falar de uma relação entre a celebração eucarística de hoje e o passado. A comissão reformada-católica afirmou que a memória não significa apenas uma lembrança do passado; afirma também que existe uma relação da Eucaristia com o ministério sacerdotal, descrita pela comissão como uma atividade de um novo ministério sacerdotal que a comunidade deve exercer (n. 74).

Relacionou-se a Eucaristia com o mistério pascal de Cristo

O segundo tópico sobre a Eucaristia no relatório discorre sobre “o mistério pascal de Cristo e a Eucaristia” (n. 75-81). Do mesmo modo que em outros diálogos, sublinha-se a relação da Eucaristia com todo o mistério pascal. Mostra-se a obra de Cristo com sua mediação e intercessão junto ao Pai e chama-se a atenção para o dom do Espírito.

O primeiro ponto discutido é sobre o envio para levar uma mensagem de vida, com o *kerygma* pascal. É Ele quem dá testemunho em nossas palavras. Ele reúne e mantém a *koinonia*. Ele convoca ao memorial de sua morte, Ele vem por sua palavra, de uma forma concreta na celebração e sela uma comunhão conosco, a qual se apresenta ao mundo. A comissão cita a Escritura amplamente para falar dessa comunhão. Para ela, Jesus vem como o Vivente (n. 75).

Já antes insinuada a ideia de um ministério que se realiza hoje, e que a comissão ressalta em relação com a comunidade (n. 74), seria

interessante, do ponto de vista católico, explicitar o lugar da presidência do ministro ordenado. Uma aproximação do tema se reflete no parágrafo seguinte, mostrando que “na celebração da Ceia, a presidência do ministro eclesiástico instituído representa esta função, de caráter único, de Cristo como Senhor que convida”. A comunidade não pode dispor da Eucaristia, mas deve fazer “obedientemente o que Cristo recomendou para a Igreja” (n. 75).

O diálogo fala da presença de Cristo e do Espírito na comunhão da Igreja. Considera que Jesus voltou ao Pai e permanece “oculto”, mas que não deixou os seus a sós. A comunhão e o testemunho da Igreja se dão pelo Espírito com que Deus cumulou a Igreja. Desde que voltou ao Pai, Cristo permanece escondido, mas mesmo assim presente, como prometeu, e a Ceia é uma experiência da presença dessa promessa.

Os parágrafos seguintes fazem uma síntese cristocêntrica, mas também pneumatológica, até completar-se como trinitária. Mostram a obra de Cristo em nós: Ele é fundamento e é quem cria as possibilidades de recebê-lo, transmite dons e nos conduz ao serviço. Ele faz isso pelo Espírito Santo. Sua “presença livre e gratuita do Senhor se realiza no Espírito Santo”; e ainda Ele “santifica os meios pelos quais imprime sua presença em nós, transmite seus dons [...] vem a nós em seu Espírito”. A obra da salvação está centrada em Cristo, que buscou a glória daquele que o enviou e o cumprimento de sua obra (n. 77).

Cristo foi elevado à direita do Pai, viveu e morreu entre nós, compartilhou nossa existência, fez-se próximo, e continuou, depois da exaltação, a ser quem era: o Filho obediente e o nosso irmão, e nós, “em solidariedade com o glorificado, vivemos na realidade a que Ele nos deu acesso por sua vida e morte” (n. 78). A comunidade experimenta, confessa e representa isso na Ceia. Unida a Cristo pelo Espírito Santo, incorporada a Cristo pelo batismo, continua recebendo de modo novo sua humanidade, laço real com Deus mesmo (n. 79).

Cristo fundou uma nova aliança nele mesmo. Não se deve separar nele a pessoa e a obra. Porque Ele se fez “mediador”, “mediação em pessoa”. Seu sacrifício é sua vida e sua morte, e, com sua glorificação, continua apresentando ao Pai “o dom que fez de si mesmo, uma vez por todas”. Observamos que a unicidade da doação do sacrifício de

Cristo é um ponto a ser sempre acentuado nos diálogos dos católicos sobre a Eucaristia, dada a importância que tem seja para a doutrina da Eucaristia, seja para que se abra o caminho da mútua compreensão e, como se sabe, é uma questão importante para a superação de controvérsias. Fala-se largamente de sua mediação e de sua obra: “em sua pessoa, sua vida, sua morte e sua ressurreição, Cristo fundou a Nova Aliança. Nele não se devem serparar-se pessoa e obra”, e o que fez tem poder salvífico: “Ele é nossa salvação pelo que fez”. Afirma-se que Ele não é um ser intermediário, mas “a mediação em pessoa”. Por Ele se completou o dom que Deus nos fez de si e o dom que a humanidade faz de si a Deus. Seu sacrifício é sua vida obediente. Continua apresentando ao Pai seu dom como intercessor único. Envia-nos o Espírito, para que, pessoas fracas, também possamos invocar o Pai (n. 80).

Do mesmo modo que se mostrou, ao início, que a comunidade primitiva se reunia “na alegria”, qualifica-se a Eucaristia como “gozosa ação de graças”. Na Eucaristia, a comunidade cristã rememora a morte reconciliadora que Cristo padeceu; nela, Cristo mesmo Se faz presente. Na Eucaristia, santificada pelo Espírito, a Igreja se oferece a si mesma “por, com, e em” Cristo. Por isso, a Igreja “se converte em um sacrifício vivo de ação de graças, mediante a qual se dá a Deus publicamente um culto de louvor”. Observemos que o sacrifício da Igreja, aqui, é descrito como nos aspectos de “ação de graças” e de “louvor” (n. 81).

O último parágrafo desse tópico reúne um leque de dados: primeiramente, sobre a força da Ceia se reporta à cruz do Senhor. Afirma-se depois o seu cumprimento em nossa fé, vida e serviço; por fim, fala-se que o testemunho, a celebração e o fruto se relacionam com a proclamação da Igreja e a sua fraternidade, “sustentadas pelo movimento pelo qual o Pai eterno, por seu amor a Cristo, e por meio de Cristo, acolhe e recria no Espírito Santo o mundo decaído” (n. 81).

Procurou-se fazer uma abordagem trinitária da Eucaristia

O tópico seguinte faz ver a abordagem do diálogo em perspectiva trinitária. Afirma a presença de Cristo, a obra do Espírito e a exclamação “Abba!”.

O terceiro tópico da seção sobre a Eucaristia desenvolve mais a questão da “presença de Cristo na Ceia do Senhor”. A primeira forma de presença a indicar é a presença de Cristo na reunião da Igreja para obedecer a seu mandato de realizar a Ceia. Explicita-se que esta é a Presença do Filho de Deus, com sua Encarnação e obra da redenção. É nele que fomos santificados e feitos partícipes de Deus.

O documento, ao referir a Eucaristia primeiramente a Cristo, retoma expressões clássicas que definem a Eucaristia como “mistério” ou “sacramento”. Considera que o próprio Cristo tomou nossa humanidade e incorporou a Igreja como Seu corpo. Ela celebra sua memória, na qual Ele se faz presente, sendo “a presença do filho de Deus, que por nós, os homens, e para nossa salvação se fez homem e se encarnou. Pela oferta de seu Corpo fomos santificados e feitos partícipes de Deus. Este é o grande mistério (*sacramentum*) de Cristo”. Ele incorporou nossa humanidade e, participando dele, a Igreja se edifica como Corpo de Cristo (n. 82).

Este mistério nos é dispensado na celebração eucarística por obra do Espírito. O diálogo católico-reformado procurou valorizar a relação da Eucaristia com o Espírito Santo. Procura-se enquadrar isso em uma formulação trinitária, que preferimos transcrever, para mostrarmos como procede o documento:

quando abençoamos o cálice, é a comunhão no Sangue de Cristo, e quando partimos o pão, é a comunhão no Corpo de Cristo (1Cor 10, 16). A realização desta presença de Cristo a nós, e nossa incorporação a Ele, é a obra própria do Espírito Santo, que se realiza na celebração eucarística, quando a Igreja invoca ao Pai, para que envie seu Espírito Santo, a fim de que santifique ao mesmo tempo o povo, que está em adoração, e o pão e o vinho (n. 82).

Os dialogantes destacam a presença de Cristo na Eucaristia junto com a ação do Espírito Santo, para santificar o povo e os dons do pão e do vinho. Falam duplamente, da realização desta presença de Cristo a nós e de nossa incorporação a Ele; mas isso seria dado como “obra própria do Espírito Santo, que se realiza na celebração eucarística quando a Igreja invoca o Pai para que envie seu Espírito, a fim de que santifique ao mesmo

tempo ao povo, que está em adoração, e ao pão e ao vinho” (n. 82). A ação do Espírito na Eucaristia é comparada com a ação do mesmo Espírito na concepção ou na ressurreição de Jesus.

A comissão acentua a dimensão misteriosa também no sentido de que essas realidades de Cristo, da Igreja, da Eucaristia, pertencem à obra divina e que se explicam somente em Deus, e não poderiam ser totalmente compreendidos pelos homens (n. 82).

À luz desses mistérios, poderíamos entender algo da presença de Cristo na Eucaristia, que é “a uma vez sacramental e pessoal”. É o próprio Cristo que vem, com sua dupla realidade de Deus e homem, com sua vida e sua paixão; a nossa participação é comunhão de seu Corpo e Sangue, enquanto Ele permanece o Filho que está no Pai:

Sob esta luz, podemos compreender algo da presença específica de Jesus Cristo na Eucaristia, que é a uma vez sacramental e pessoal. Ele vem a nós revestido de seu Evangelho e de sua paixão salvífica, de modo que nossa participação nele é comunhão em seu Corpo e em seu Sangue (cf. Jo 6,47-56; 1Cor 10,17).

Esta presença é sacramental, porquanto é a forma concreta que toma o mistério de Cristo na comunhão eucarística de seu Corpo e seu Sangue. É também uma presença pessoal, porque Jesus Cristo em pessoa está diretamente presente, comunicando-se a nós em sua dupla realidade de verdadeiro Deus e de verdadeiro homem.

Na Eucaristia, Ele se nos comunica na plena realidade de sua divindade e de sua humanidade — seu corpo, sua alma e sua vontade — e ao mesmo tempo permanece o Filho que está no Pai como o Pai está nele (n. 83).

A Comissão R-IC acentua a “importância central desta comum confissão cristológica” sobre a presença de Cristo na Eucaristia. Essa confissão considera a humanidade que Cristo compartilha conosco (o documento chama de consubstancial) e a divindade de Cristo, eternamente consubstancial com o Pai e com o Espírito (n. 84).

No passo seguinte mostra-se, “com confiança”, que em Jesus temos o caminho, Ele o abriu. “Ele é o Apóstolo enviado pelo Pai e é nosso Sumo Sacerdote. Consagrou-nos em unidade consigo, na oferenda ao Pai pelo Espírito. Ele nos oferece a nós com Ele e participamos de sua oferenda que Ele mesmo faz em nosso nome” (n. 85).

De Cristo, é o Espírito que clama “Abba, Pai”. Ele clama em nós, quando pronunciamos a oração do Senhor. Esta oração aparece na Eucaristia. Ali “o Espírito que nele clama ‘Abba, Pai’ (cf. Mc 14, 36) é o mesmo que grita em nós ‘Abba, Pai’ quando, durante a Eucaristia, pronunciamos com nossos lábios a oração do Senhor (cf. Rm 8, 15s.26s)” (n. 85).

Por último, diz-se que é dessa união com a presença de Cristo que decorre a missão da Igreja de “participar de sua missão de reconciliar o mundo”, capacitada pela graça. A Igreja está unida ao Cristo ressuscitado e assunto ao céu. Pela “comunhão eucarística” mantém-se unida a Ele, como comunidade dos “resgatados”. Recebeu a missão do ministério da reconciliação, da administração dos mistérios. Assim, realiza a celebração eucarística até que Ele venha. Sua missão está fundada e sustentada na comunhão eucarística com Cristo. A Igreja está enviada a todas as nações e a todos os séculos na dependência da promessa de que Cristo estaria presente no mundo (n. 86).

A Eucaristia faz da Igreja uma comunidade de amor, renovada e missionária

Temos a dimensão eclesiológica na abordagem da Eucaristia. Um quarto tópico amplia esse desenvolvimento eclesiológico, com o subtítulo “a Eucaristia e a Igreja: *Cristo, a Igreja e a Eucaristia*”. A Comissão vai tratar também do perdão dos pecados e a reconciliação do pecador, levado a participar da Ceia sacrificial de Cristo.

No primeiro momento, faz-se ver que Cristo veio para salvar os pecadores, e que esteve entre eles. Afirma-se que o poder de sua morte e ressurreição vencem o poder da morte e do pecado. Em seguida, mostra-se a Eucaristia como um meio pelo qual a Igreja é feita uma comunidade de amor na qual se comunica o poder da morte e ressurreição de Cristo, pela sua mediação de único intercessor (n. 87).

Por último, chega-se a afirmar que a Eucaristia é uma “ceia sacrificial”, para o tempo intermediário entre a promessa de Cristo e sua segunda vinda. Já antes se falou que a memória não era pura invocação, mas se relacionava com o ministério da Igreja. Para os católicos, essa memória é também memória do sacrifício, que é oferecido liturgicamente, entendendo-se que seja o

mesmo e único sacrifício de Cristo oferecido. O termo *sacrificio* tem, portanto, importância, no contexto das diferenças e convergências. O documento chega a qualificar a ceia de *sacrifical*. De resto, fala na comunhão iniciada, na paz e na alegria, em relação com as bem-aventuranças.

Jesus Cristo instituiu a Eucaristia como uma ceia sacrificial para o tempo que intermedia sua promessa e sua segunda vinda. Os pecadores, homens e mulheres, ricos e pobres, clérigos e leigos, sentados à mesa do Senhor, são as primícias desta comunhão, desta paz e gozo que foram prometidos aos que têm fome e sede de justiça (cf. Mt 5, 6) (n. 87).

O quinto tópico contempla “a Eucaristia e a renovação da Igreja”. Mostra a Eucaristia como “fonte e critério de renovação da Igreja”. Esta deve ser reconhecida, ou a renovação no modo de celebrar a Eucaristia deve manifestar a Igreja como uma “comunidade eucarística”. A renovação implica chamado à unidade. Os cristãos deveriam mostrar unidade, particularmente no que contribui para melhor manifestação da Igreja como Igreja una, santa, católica e apostólica. O estado de divisão reclama uma conversão. Como a Eucaristia é um ponto importante na vida eclesial, torna-se importante a busca de um consenso sobre a Eucaristia e sobre a sua relação com a Igreja (n. 88).

Da unidade eclesial na Eucaristia, passa-se à sua orientação missionária, de levar ao mundo inteiro o Evangelho da salvação dada por Deus e realizar a obra da reconciliação. Como a Eucaristia é “ação de graças”, as pessoas da Igreja devem levar vida inspirada e sustentada pela gratidão. A renovação, a unidade e a missão são características da Igreja enquanto ela recebe o dom da Eucaristia (n. 88).

É uma expressão da fé dentro da vida litúrgica

Aproximam-se os termos *Eucaristia*, *liturgia* e *dogma*. A Eucaristia é sempre “uma expressão da fé da Igreja”. Ali se transmite a fé, também pelas orações e práticas rituais. A fé se expressa na vida litúrgica, segundo o adágio de *lex orandi, lex credendi*. A liturgia tem também função de transmitir o Evangelho.

Existem também as formulações da fé, seja em nível dogmático ou litúrgico, e formulações feitas para a própria defesa da fé. É necessária uma vigilância para que tais fórmulas de fato evitem mal-entendidos e, sobretudo, para não se tornarem fonte de mal-entendidos. Por isso se diz que, “no domínio pastoral”, as Igrejas devem contribuir para a comunicação autêntica do Evangelho ao mundo. No domínio pastoral, as igrejas devem vigiar para que suas formulações contribuam para a “comunicação autêntica do Evangelho no mundo contemporâneo” (n. 89).

O sétimo elemento é uma consideração sobre “a Eucaristia e a organização da Igreja”. A comissão observa “aspectos visíveis da Igreja”, em que a Eucaristia também deveria revelar algo ao mundo, mostrar-lhe “a realidade autêntica da Igreja”. Vivendo “no mundo”, como “comunidade de homens e de mulheres, a Igreja mesma se organiza de diversas maneiras na história”. Sua organização “não deveria obscurecer a sua face autêntica, mas permitir ser percebida em seu verdadeiro ser”. Por isso, “a Eucaristia precisamente é a fonte de um exame permanente da organização e da vida da Igreja” (n. 90). A comissão, nesse ponto, insere um comentário sobre o direito canônico, a propósito de a Lei de Cristo ser lei do amor e da liberdade e tendo em vista a renovação da Igreja.

Fez-se um “comentário geral” ao conjunto. Achou-se ter chegado à “melhor apreciação da riqueza de nossas doutrinas e de nossas práticas respectivas”. A uma concepção comum fundamental da Eucaristia, “conforme com a Palavra de Deus e a tradição universal da Igreja” (91). Uma compreensão comum da Eucaristia, conforme a Palavra de Deus e a tradição da Igreja, seria, portanto, um objetivo de todo esse diálogo e, talvez, deva-se sempre ter isso presente no prosseguimento do diálogo.

Para a comissão, o caminho da superação dos mal-entendidos “está claramente aberto” e o vocabulário de “climas polêmicos do passado” não reflete quanto é extenso o que é comum nas nossas concepções teológicas. Temas controvertidos encontram uma base de consideração comum. As duas tradições, a reformada e a católica, estão juntas para afirmar sua “fé na presença real de Cristo na Eucaristia”. Ambas sustentam que, “dentre outras coisas”, a Eucaristia é: “(1) um memorial da morte e da ressurreição do Senhor; (2) uma fonte de comunhão amorosa com Ele, no poder do Espírito (daí a *epíklesis* na liturgia); (3) e uma fonte da esperança escatológica em seu retorno” (n. 91).

Temas importantes e caros às tradições podem ainda ser retomados e valorizados

O documento que estudamos, ou antes a seção dele que nos ocupou, é uma explanação relativamente abrangente para a reflexão sobre a Eucaristia, sob vários aspectos. A contemplação trinitária da Eucaristia, a abordagem eclesiológica, os aspectos de comunhão e de missão, a expectativa escatológica e o dado celebrativo litúrgico são elementos que aparecem em vários blocos bilaterais e multilaterais de conversação sobre a Eucaristia, caracterizando um quadro teológico bastante rico. São pontos que serão sempre interessantes para aprofundamentos e desdobramentos.

A comissão levou em conta a perspectiva reformada calvinista (como, em geral, do protestantismo) de acentuar um sacrifício único de Cristo para a redenção. No relatório, falam juntos reformados e católicos sobre um sacrifício único. Calvino apontara como um erro a concepção de que a Eucaristia fosse novo sacrifício para o perdão dos pecados, ou seja, na concepção de que se diminuía o sacrifício de Cristo, na morte, oferecido de uma vez por todas, pelo qual perdoa todos os pecados, e que por isso ele precisasse ser repetido. No entanto, considerava que Cristo nos deu a Ceia, que poderia ser distribuída entre nós para testemunhar-nos que, na comunicação com o seu Corpo, “temos parte no sacrifício que Ele ofereceu na cruz a Deus seu Pai para a expiação e satisfação dos nossos pecados” (apud DILLENBERGER, 1971, p. 325-326). Calvino afirmara que Jesus é alimento dado de modo misterioso, pois há “algo de incompreensível em dizer que nós temos comunhão com o corpo e o sangue de Jesus Cristo” (apud DILLENBERGER, 1971, p. 510), mas afirmava uma verdadeira comunicação de Jesus Cristo e descrevia que o pão e o vinho são sinais visíveis que representam o Corpo e o Sangue de Cristo, ou são “como instrumentos pelos quais o Senhor os distribui para nós” (apud DILLENBERGER, 1971, p. 510-514). Seria uma forma de interpretação simbólica. Calvino defendeu a presença de Cristo por causa da ação do Espírito Santo. Acentuou “a operação secreta do Espírito que une o próprio Cristo a nós” e ainda que “Cristo deve ser adorado espiritualmente na glória do céu” (apud O’CARROLL, 1988, p. 45-46). Esses escritos estavam na polêmica com os católicos, que se

referia à adoração da presença de Cristo nos elementos consagrados. Vimos que o diálogo procurou, com cuidado e empenho, um caminho de compreensão das perspectivas e de conciliação nesses temas do sacrifício e da presença, que parecem ser os que trazem mais dificuldades de convergências com os católicos. Vimos como o diálogo procurou ainda valorizar a dimensão espiritual e dar lugar a uma acentuação da obra do Espírito Santo na Ceia eucarística e na comunhão.

Do ponto de vista católico, poderia ainda ser pensado que se desejaria encontrar maior reconhecimento ou mais matização nos aspectos da Eucaristia como oferecimento do sacrifício único de Cristo, o qual instituiu o memorial de sua morte e ressurreição, que torna presente seu sacrifício. Emprega-se o termo *sacrificial*, mas parece que de modo ainda pouco determinado. Aceitou-se no documento uma presença no mistério; afirma-se Jesus presente na Ceia, Jesus presente no mundo inteiro, mas se poderia perguntar ainda por uma presença própria do sacramento (chegou-se a nomear uma presença sacramental). O Concílio Vaticano II sublinha esses dois pontos de sacrifício e sacramento ao tratar a Eucaristia na Constituição *Sacrosanctum Concilium* (SC, n. 47), e são temas clássicos na teologia católica, constantes, como se sabe, nos documentos do magistério, nos manuais de teologia católica, no catecismo católico.

Se a convergência é ainda limitada, vimos que o diálogo levantou muitos dados teológicos importantes, os quais poderão ser ainda aprofundados. Procurou-se afirmar uma relação da Ceia com o sacrifício redentor de Cristo e discorrer sobre a presença real; procurou valorizar a ação do Espírito; e um quadro teológico abrangente e rico, que tentou progressivamente desdobrar, para situar e iluminar os vários aspectos enfatizados nas tradições, em busca de mútua compreensão e enriquecimentos.

Vimos que é cara aos reformados a relação da Eucaristia com a obra do Espírito Santo, e o documento assumiu essa acentuação teológica, inserida em um quadro trinitário, que correspondeu a uma convergência de católicos e reformados. Para os católicos, que, nas últimas décadas, inclusive pelo estímulo do diálogo ecumênico, têm aprofundado mais em sua teologia a estrutura trinitária da Eucaristia, teria lugar também um aprofundamento teológico sobre a relação da Eucaristia com o Espírito Santo.

Assim se faz, por exemplo, na contribuição de J. Galot (1998), que mantém a interpretação da Eucaristia nos aspectos de sacrifício e sacramento, mas aprofunda sua visão integrada com uma perspectiva trinitária e com todo um precioso pequeno tratado de sua relação com o Espírito Santo. Também na proposta do Conselho Pontifício para os Leigos que visava a uma redescoberta da Eucaristia, uma voz de um membro deste Conselho, que levava em conta sua experiência ecumênica e sua vivência eucarística, apreciava a Eucaristia na vida dos fiéis também como uma “efusão do Espírito” (CALISI, 2005).

Considerações finais

O tema da Eucaristia permanece fundamental. Achamos que o diálogo do documento estudado merece ainda ser apreciado e aproveitado: no seu empenho, no que contribuiu, no que pode ainda nos inspirar e nos aproximar. Ele aproximou os interlocutores que se dispuseram a refletir juntos. Ele procurou respeitar as convicções, seja no reconhecimento de dados teológicos em comum, seja em saber estar nos limites do que efetivamente se podia já formular junto. Nem tudo é consenso, mas muita riqueza espiritual se compartilha. O diálogo futuro pode retomar tudo isso e prosseguir.

O diálogo reformado-católico sobre a Eucaristia participou da caminhada comum com outros diálogos e foi uma contribuição. Àquela fase de diálogos, seguiu-se o processo multilateral do BEM, que aproveitou os dados anteriores. As respostas das Igrejas ao BEM pediram aprofundamentos, particularmente sobre o tema da Igreja. Poderíamos perguntar sobre como levar adiante esse diálogo que se desejou fazer sobre a Igreja. Perguntaríamos ainda se em nossos meios e se em nossos tempos do século XXI, a fé e a vida eucarística não deveriam ainda ser um esteio, um alimento e um sinal dos cristãos no mundo? Quais são, também, as novas possibilidades de diálogo?

Se é verdade que seria inadequado fazer a respeito da fé uma polêmica inútil, pode ser importante refletir amistosamente sobre ela e valorizar as riquezas e contribuições de cada qual. O diálogo da Eucaristia é particularmente tocante, seja por abordar tema tão fundamental e

controverso, seja pelo alcance da reflexão comum, ou ainda pelo interesse pelas diversas acentuações. Houve limites no consenso. Procurou-se respeitar as convicções. Caberia acolher isso. E até procurar prosseguir.

Um documento comum pode estar apenas a caminho. Suas formulações não devem estreitar as respectivas teologias. A experiência de diálogo convida ainda a trocar ideias e a buscar outras aproximações, ou outros métodos, dado que o diálogo não tem que ser sempre igual no objetivo e na forma. De um diálogo, podemos nos sentir convidados a outro diálogo. Ou seja, a fazer prosseguir o diálogo, certamente se beneficiando de considerar o que tenha sido proposto anteriormente.

Existe em alguns lugares diálogo entre católicos e reformados. No entanto, às vezes existem dificuldades ou até não acontece. Permanecem os desafios. Como todas as confissões cristãs são chamadas a trocarem conhecimento, fraternidade e colaboração, a comissão reformada-católica ligada à CNBB, relativamente recente, terá muito ainda a desbravar. Os diálogos antigos podem ser de algum modo sugestivos.

Referências

CALISI, M, La Eucaristia: fuente y cumbre de la vida de los fieles laicos. In: PONTIFICIUM CONSILIIUM PRO LAICIS. **Redescubrir la Eucaristía**. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2005. p. 65-83.

COMISIÓN MISTA DE DIÁLOGO CATÓLICO-REFORMADA. La presencia de Cristo en la Iglesia y en el mundo: relación final del diálogo entre la Alianza Reformada Mundial y el Secretariado para la Unidad de los Cristianos (1977). In: GONZALEZ MONTES, A. (Org.). **Enchiridion Oecumenicum**. Salamanca: Universidad Pontificia de Salamanca, 1986. t. 1, n. 1310-1393.

CONCÍLIO DO VATICANO II. Constituição Sacrosanctum Concilium. In: **Compêndio do Vaticano II**. Constituições. Decretos. Declarações. Petrópolis: Vozes, 2000.

DILLENBERGER, J. (Ed.). **John Calvin**: Selections from his writings. New York: Anchor Books, 1971.

FÉ E CONSTITUIÇÃO/CONSELHO MUNDIAL DE IGREJAS. **Batismo, eucaristia, ministério**: convergência da fé. Rio de Janeiro: CONIC-CEDI, 1983.

GALOT, J. **Eucaristia e Spirito Santo**. Lanciano: SMEL, 1998.

O'CARROLL, M. **Corpus Christi**: an encyclopedia of the eucharist. Wilmington: Michael Glazier, 1988.

Recebido: 09/08/2013

Received: 08/09/2013

Aprovado: 24/08/2013

Approved: 08/24/2013